



A Arcádia



Órgão de história – Publicação Mensal
historiaesperancense@gmail.com

ANO I Sexta-feira, 22 de dezembro de 2015 Nº 07

De volta para Passárgada – A Arcádia se denomina órgão de história com um pé na cultura. Afinal, não é isso o que o homem produz? Assim dizia o Dr. Silvino em sua tese “Estética do Direito”, sendo literário e belo ao mesmo tempo.

Nessa nova fase – agora mensal – conto com a colaboração de Hauane Maria, escritora e poetisa que publica em seu blog “Estudar e Sonhar” (<http://huanepoetisa.blogspot.com.br/>) as suas inquietações.

Não menos importante, iremos trazer matérias assinadas por Evaldo Brasil e João de Patrício, esses dois ícones da memória local.

Evaldo é multicultural. João memorialista e poeta. Os dois têm revolucionado as redes sociais, trazendo à baila muita coisa boa e de qualidade.

Desta maneira, A Arcádia volta às suas origens culturais e históricas, inserida num contexto Joffilyano, porque este foi o pai da historiografia parahybana e sendo um dos jornalistas mais combativos, sempre nos inspirou.

De volta à Passargada posso dizer que aqui sou feliz, pois sou amigo do Rei e tendo amigos assim, um sempre vencedor.

Acompanhe-nos, mensalmente.

O Editor

POR RAU FERREIRA – A rua dos Mercantes (atual rua Elísio Sobreira) antes era um descampado que se iniciava em frente ao Grupo Lídia Fernandes (que já foi posto de saúde, fórum e também abrigou a polícia militar), e terminava na paralela a rua dos Avelós. Uma rua que tem praça, que já foi Praça da Bandeira e hoje, salvo engano, é Praça José Pessoa Filho. Neste local, antigamente, se realizavam festividades, dada a sua proximidade com a Igreja, e também jogos de peteca.

Não é difícil presumir que a rua dos Mercanteis (ou Mercantis), dos mercantes por assim dizer, era aquela onde se descarregavam as mercadorias para entrega aos comerciantes de nossa cidade. Mas o certo é que, antigamente, ali também fora sede da feira semanal, onde o pai de Marquinhos da Xerox também possuía ponto, vendendo panelas de barro (daí o velho apelido “Antônio Barros”). Conta-nos esse amigo que o seu genitor guardava as mercadorias em um quartinho bem próximo da feira, mas o telhado que estava em ruínas caiu quebrando não apenas o estoque como todo o seu comércio.

Consta do documento oficial o nome “Mercanteis”, não sei se a grafia da época, ou mero erro de escrita dos anos 30. Porém, se supõe que seja “mercantes”, de mercancia ou comércio. Sua posição estratégica possuía saída para a rua Nova, para a rua Paroquial, passando pelo “beco do padre” e, obviamente, para a Chã da Bala, no caminho de volta pela Praça do Calçadão. Era parada de caminhão, também existiam naquela artéria algumas garagens, a exemplo daquelas que abrigavam os ônibus da S. José. O finado Maurício do caminhão residiu por muito tempo naquela rua.

O ANO QUE PAPAI NOEL NÃO VEIO

Todos os anos o “bom” velhinho vem para me trazer algo que nem preciso tanto. É uma caixinha com nada dentro ou uma futilidade qualquer. Acho engraçado receber e não sei nem qual a razão. Melhor que o “amigo” oculto, que de oculto nada tem, pois no final todos ficam sabendo (alguns até antes). Nos confraternizamos, trocamos sorrisos, esquecemos as diferenças e é isso o que realmente importa.

Apesar de não estarmos no mesmo barco, e ainda qu’eu seja um pequeno aprendiz, tenha na conta a minha origem. Sei de onde vim e permaneço muito ligado fazendo brotar das pedras um lírio qualquer. Assim a jornada se torna menos pesada e o conselho vale a pena: Não digas nunca mal do teu destino...

Mas voltemos ao decrépito Noel. Esse velho sempre faz das suas, e nesse clima que rodeia dezembro, consegue nos verter alguma lágrima à medida que saldamos dívidas com os nossos pares.

Pois bem. Já desde o ano passado o ancião dava sinais que não estava bem da cuca. Não atendeu os meus pedidos, nem unzinho sequer. Aquele esperado queijo saiu pela culatra e recebi uma assadeira com muita briga.

Esse ano foi bem pior. Esqueceu de me dar um abraço, aperto de mão ou mesmo aquele “muito obrigado”. Estranho, né?!

Olha Noel, fui um bom menino. Me comportei legal. Fiz todas as tarefas com zelo e empenho. Cometi alguns erros, é verdade. Mas nada que não tivesse conserto. Não posso explicar o inexplicável. Apenas dei o melhor de mim, mas parece que não foi o bastante.

Este ano você me esqueceu! O meu Natal será pobre como o de Jesus. Quem sabe esse não seja o meu presente: aprender uma lição valiosa para a vida. Não acredito mais em você Papai Noel, mas lhe desejo um feliz natal!

FIC ESPERANÇA - Chegamos ao final de 2015 na certeza do dever cumprido, através das ações desenvolvidas pelo FIC Esperança. Realizamos saraus, encontros e reuniões; fizemos exposições de arte, apresentamos danças e movimentos culturais. A parceria com o Grupo Cultural "Quero Mais" nos rendeu alguns frutos, que pretendemos reafirmar no ano que se inicia. Ainda há muito por fazer, mas a pedra fundamental deste projeto lançada em 2013 já conta hoje com alguns alicerces e não deve ficar à mercê da inconsistência externa (nem se subjugar a ingerências “oportunistas”). O nosso trabalho está acima dessas tendências que, a despeito do que se realiza em outubro a cada quadriênio, perdura por toda um período em nossa comuna. Daí porque a nossa opção pela independência tem conquistado o respeito daqueles que fazem a cultura acontecer.

Loving

- Olá, o que desejas?
- O remédio "loving".
- Um segundo... Não temos, senhora!
- Como não?! O remédio mais importante e tu não o tens? Supera a depressão, alegra a família e renova a vida!
- Minha senhora, está em falta. Chegou semana passada dez caixas e em menos de uma hora acabou tudo.
- Nossa! Eu lhe dou quinhentos reais pelo "loving".
- Não vai adiantar de nada!

A moral da nossa farmacinha: Você pode ter bilhões, rios de dinheiro... Mas você não pode comprar na farmácia o "loving", que significa AMOR.

Hauane Maria

LIGAÇÃO OCUPADA

'Tô ligando pra ti dizer amor
Que eu ainda te amo,
Não consigo te esquecer.
Devo esta fazendo papel de tola,
Mas eu não ligo.

Só te quero ao meu lado a todo instante.
Só quero teu sorriso junto ao meu, ao meu...

Você deve estar ai nem ouvindo,
Rejeitando minha chamada,
Tapando os seus ouvidos
E fingindo que não escuta nada,
Mas me dá uma chance.

Porque quando você me ligava
Pedindo desculpas, eu atendia.
Aceitava sua chamada, com muita educação
Pensava e depois lhe dizia "tudo bem..."

Agora quando sou eu você rejeita!
E no fim... Eu sou a vilã da história.

Você deve estar ai nem ouvindo,
Rejeitando minha chamada,
Tapando os seus ouvidos
E fingindo que não escuta nada,
Mas me dá uma chance.

Desculpa, vai!

Hauane Maria

Olha, o "óia"

*Óia, óia...
Chegou a primavéra...
O sol bateno na serra
As ave a cantá...
Óia, óia...
A beleza dessa terra
Que belezura encerra...
C'um o pratiado da lua, o luá!
Porque é primavéra
As ave todas vêm dançá,
As rosa a desbrochá e
O arco-íris a briá!
Óia, óia!
Lá vem a prima,
Vamos primaveriá!...*

Hauane Maria/ Rau Ferreira

** Publicado no Boletim Virtual "Laitriv Mitelob"
- Magazine Cultural de Esperança. Edição n° 31,
em junho de 2015.*

O PRIMEIRO DECRETO MUNICIPAL.

O Decreto nº 01, de 02 de janeiro de 1926, dispôs sobre o orçamento do município, adaptando-o ao orçamento de Alagoa Nova, vez que, o município recém-criado pertencia à jurisdição daquele município do brejo.

No mês de fevereiro do mesmo ano, foi criada, por decreto, a cobrança do imposto rural. Foi à primeira norma municipal instituindo imposto no município.

A PRIMEIRA PRESTAÇÃO DE CONTAS

Na sua gestão, foi feito o primeiro balancete, datado de 15 de julho de 1926, em cujo teor especificava toda a prestação de contas da administração, os atos administrativos de nomeação de servidores, de criação da primeira escola na localidade do Pintado (hoje Distrito do Pintado). Esta prestação de contas foi dirigida ao Presidente João Suassuna.

Assim, foram dados os primeiros passos administrativos do município de Esperança. Manoel Rodrigues de Oliveira exerceu seu mandato até o mês de fevereiro do ano de 1929.

João de Patrício



EXPEDIENTE:

A Arcádia – Jornal de história

Publicação Mensal – Ano I, Nº 01

Redatores: Rau Ferreira – Hauane Maria



Acceita-se produção textual e contribuições: historiaesperancense@gmail.com

No convívio da inteligência - *Alguém já disse que o nosso poeta “era uma inteligência multiforme” (PINTO: 1962, p. 142). Dominava o português clássico, além do francês, alemão, inglês, grego e latim. A sua inquietação era patente nos seus múltiplos afazeres como também em sua própria vida e obra.*

O Senador José Gaudêncio, revisitando suas memórias, disse que aproveitara o potencial dos jovens inteligentes:

“Na Parahyba, quando director do ‘O Jornal’ eu lancei os nomes de Silvino Olavo, que foi redactor-chefe daquelle matutino, official de gabinete do presidente João Suassuna e agora [1930] exerce idêntica funcção no gabinete da Presidência João Pessoa”.

Ao seu lado estavam figuras como Eudes Barros, Oris Barbosa e Peryllo D’Oliveira. Estes constituíam a intelectualidade parahybana dos anos 20, formando ainda o quadro dos “novos”.

Clodomiro Doliveira escreve que estes eram os mentores do pensamento literário parahybano, isto quando estavam ausentes SOL e Carlos Dias Fernandes, “porque, a esses, elles têm como uma divindade: descobrem-se, respeitosos, todos as vezes que se aproximam e lhes dirigem a palavra”.

E acrescenta: “Pude observar a admiração e o carinho affectuoso com que qualquer delles se referia a Silvino Olavo, aos talentos desse grande poeta e ao sucesso que coroou a sua recente [1928] conferência na Faculdade de Direito no Rio de Janeiro”.

Em seus poemas há uma filosofia que não é vã, a exemplo do poema “Alegria interior”, onde o vate nos chama a atenção para nunca se maldizer do nosso destino. Para finalizar, trago essa frase que encontrei em um de seus escritos e que reputo muito positiva: “Não se desprenda do seu sonho, que a vitória sem sofrimento, meu amigo, nunca é realmente bela” (Silvino Olavo).

ALEGRIA INTERIOR

Não digas nunca mal do teu destino.../
Faze da dor, perenemente acesa,/ A
lâmpada encantada de Aladino... / Se és
triste e te consagra à beleza/
Compreende a alegria de ser triste/ E
ama serenamente essa tristeza.../ Verás,
então como tu nunca vistes,/ Teu nobre
coração quanto ele encerra/ Desses
esplendor divino que

Ihe assiste!/ Repara como agora se
descerra/ Dentro em tua alma a luz de
uma alegria/ Que não supunhas existir
na terra.../ A todo ser humano Deus
confia/ Uma missão de amor, segundo a
qual/ Cada um, a seu modo, a culpa
expia/ Enche-a, pois (enche-a do óleo
essencial/ Da tua dor) e, em mística
oferenda/ Acende a tua lâmpada mortal!/
A sombra é larga? A treva anula a senda

Do teu peregrinar? – Arde sempre...
Arde,/ Para que outra lâmpada se
acenda.../ E deixa que te chamem de
covarde/ Ou incapazes de ficar contigo!/
Não tenhas pressa... Nunca chegas
tarde.../ Teu óbulo de luz, pobre
mendigo,/ Por todo o tempo que a tua
alma aguarde,/ O Senhor guardará
sempre contigo...
Silvino Olavo